

HENRIQUE BARROSO

*O português do Brasil:*  
**um caso exemplar de uma língua transplantada**

Separata da Revista on-line *CIBERKIOSK* 10 (Novembro de 2000)

[Site: <http://www.ciberkiosk.pt>]

***O português do Brasil:***  
**um caso exemplar de uma língua transplantada\***

HENRIQUE BARROSO

(Universidade do Minho)

**1. Introdução**

O português – à semelhança do castelhano e, mais tarde, do francês e do inglês (só para referir os casos mais flagrantes) – foi levado, nos anos de Quatrocentos e Quinhentos, da Europa para outras paragens (diferentes localidades e/ ou regiões de todos os continentes do globo) e aí se foi implantando: nuns casos, com mais sucesso; noutros, menos bem sucedidamente (os diferentes condicionalismos históricos, sociais e culturais epocais e de latitude – que agora não importa considerar – não foram, com certeza, alheios a este fenómeno). Neste sentido, o português do Brasil (também as variantes

do português falado em Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe; em Macau e na parte oriental da ilha de Timor) é, pois, um exemplo de uma língua transplantada. Porém, agora, é na sua qualidade de caso exemplar que vamos reflectir.

## 2. O português do Brasil enquanto caso exemplar de uma língua transplantada

2.1. Como toda a língua transplantada, o português do Brasil é simultaneamente **unitário** e **conservador**, propriedades estas que se explicam fundamentalmente<sup>1</sup> pelo facto de o povoamento heterogéneo não favorecer a evolução linguística (quer dizer: o contacto e interacção de colonos provenientes de várias regiões da metrópole afoga as inovações e aplaina as divergências) (Schuchardt: 21928, 179 e Meyer-Lübke: 1909, 138-139)<sup>2</sup> e pelo esforço para manter um traço substancial da cultura nacional (Güntert: 1925)<sup>3</sup>, respectivamente.

2.2. Ao lado daquelas duas propriedades identificadoras de uma língua transplantada, a variante brasileira do português (um pouco diferentemente do que aconteceu com outras línguas transplantadas: a Espanha, por exemplo, preocupou-se, desde logo, em criar escolas e universidades, para formar os seus quadros e, ao mesmo tempo, ensinar e defender a língua castelhana)<sup>4</sup>, porque seguiu/ tem seguido/ vem seguindo e, com certeza, seguirá o seu próprio destino/ caminho, é francamente **inovadora**. E tal inovação (= aspectos novos mesmo e também aspectos apenas diferentes, porque sobretudo antigos, em relação à variante europeia), cujos fundamentos – assim me parece – estão na política linguística (melhor: na sua ausência),

desde os primeiros momentos da colonização até à segunda metade do séc. XVIII [mais precisamente: 1757, ano da publicação do Directório criado pelo Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José, documento que proibia o uso da *língua geral* (a língua de intercomunicação entre colonizadores e colonizados) e obrigava oficialmente a utilizar-se o português], manifesta-se em praticamente todas as componentes gramaticais (fonético-fonológica<sup>5</sup>, morfossintáctica<sup>6</sup>, semântico-lexical<sup>7</sup>), embora numas mais do que noutras; também nas formas de tratamento<sup>8</sup> e até na própria ortografia: os vários acordos celebrados, neste âmbito, entre Portugal e o Brasil nunca foram cumpridos, para além de que têm espoletado quase sempre acesas polémicas em ambos os lados do Atlântico<sup>9</sup>.

**2.3.** Por outro lado, e perseguindo a compreensão da afirmação feita acima, convém dizer que a *língua geral*, sobretudo na costa brasileira – e à medida que o tempo e a colonização avançavam, também no interior (os mamelucos levaram-na nas *Bandeiras*) – era o tupi: uma língua indígena, pelos vistos de estrutura gramatical relativamente simples (os Jesuítas chegaram até a fazer gramáticas para o seu ensino e catequização). Note-se que esta foi a situação vigente durante dois séculos e meio! Como já referi, só com o Directório pombalino e a expulsão dos Jesuítas (os principais protectores da *língua geral*) é que a situação mudou radicalmente: a língua portuguesa, num espaço de 50 anos (Teyssier: <sup>2</sup>1984, 76), eliminou definitivamente o tupi como *língua geral*. A partir daí, o português campeia.

2.4. Também não deixa de ser curioso que, não obstante ter sido língua geral durante tanto tempo, o tupi apenas deixou (ou deixou essencialmente) influência a nível lexical, sobretudo topónimos e antropónimos<sup>10</sup> (e, claro, só depois de adaptados aos sistemas fonético/ fonológico e morfológico do português). Mais curioso ainda é que os indígenas que tinham o tupi como língua materna a tenham abandonado para adquirir, à sua maneira, a língua do colonizador, que apesar de tudo não deixava de ser uma língua de civilização – fenómeno raro na história das línguas, segundo nos informa Melo (41981: 17 e 51-52).

2.5. Para além dos tupinismos, que enriqueceram enormemente o vocabulário cultural português, a originalidade da variante brasileira do português resulta ainda da influência africana<sup>11</sup> (por meio dos escravos trazidos da costa do continente negro), de outras línguas indígenas faladas no território brasileiro (as *línguas travadas* por oposição à *língua geral*, conforme as denominaram os Jesuítas) e fora deste<sup>12</sup>, de línguas do Novo Mundo (sobretudo do castelhano)<sup>13</sup>, de brasileirismos semânticos e criações novas<sup>14</sup>, de uma série de arcaísmos e dialectalismos portugueses<sup>15</sup> e de uma entoação melodiosa<sup>16</sup> que, também segundo os especialistas (Melo: 41981, 121 e *sqq.*; Neto: 41977, 147-148), está mais próxima da do português transplantado no séc. XVI.

2.6. Contudo, e apesar de serem em número considerável as diferenças, os portugueses e brasileiros comunicam perfeitamente. Isto quer tão-só significar que estamos na presença de uma única estru-

tura linguística e de duas suas actualizações, resultantes estas de dois estilos<sup>17</sup> bem característicos.

### 3. Conclusão

3.1. Penso que tudo isto aconteceu (e em boa hora: afinal trata-se de uma riqueza incomensurável para a humanidade e de uma mais-valia sem par para o património linguístico português) e está acontecendo, porque o Brasil, aquele país-continente, tem sido e – tudo indica (não se vislumbram forças no sentido contrário) – continuará a ser um *cadinho rático* (miscigenação: português europeu + índio + negro africano, nos primeiros tempos da colonização; mais tarde, nos séculos passado e actual, outros europeus – alemães, italianos, eslavos e de outros países<sup>18</sup> –, asiáticos – japoneses<sup>19</sup> –, etc.), cultural (a mentalidade brasileira que resulta do confronto entre todas aquelas culturas) e linguístico (a variante brasileira, bem tropical e afectiva, do português). Numa palavra: a realidade brasileira (aquilo que o Brasil é e representa hoje no mundo) só pode ter resultado, resultar e continuar a resultar da interacção mútua, livre e sem preconceitos, ou seja, da miscigenação *lato sensu* étnico-linguístico-cultural.

3.2. Estou a terminar esta “viagem”. Porém, antes de desembarcar, gostaria de sublinhar o seguinte: os largos milhões – cerca de 166 (*Expresso*: 2000/04/21) – de brasileiros fazem com que o português seja, hoje, uma língua de importância crescente a vários níveis<sup>20</sup>.

Julgo assim, pois, ter não só explicitado como também explicado as razões que me levam a considerar o português do Brasil como um caso exemplar de uma língua transplantada.

#### 4. Notas

\* Trata-se do título de uma comunicação, muito breve (o tempo de que dispunha era também muito curto), apresentada ao **Humboldt-Kolloquium in Spanien** [para todos os ex-bolseiros da AvH-Stiftung (= Humboldtianer) de Portugal e de Espanha] que teve lugar, em La Coruña, de 17 a 19 de Setembro de 1999 (Fachgruppe 1: Philosophie/ Literaturwissenschaften/ Geschichte; Leitung: Prof. Dr. Walther Bernecker, Nürnberg). Na ocasião referi, em primeiro lugar, as razões da escolha deste tema. Agora, e para que nos situemos de facto, vou reproduzi-las aqui na íntegra:

*Antes de mais nada, devo adverti-los de que não sou um especialista propriamente dito do assunto em epígrafe. Quanto muito, um curioso e um amante, atento, desta variante (a brasileira) da língua portuguesa. Apesar disso e também por isso, decidi trazer-lhes esta breve comunicação sobre tal assunto, e por duas ordens de razões: primeira: investigando eu a estrutura temporo-aspectual do sistema verbal do português e ensinando Fonética, Fonologia e Morfologia da variante culta do português europeu da actualidade, apresentar, a esta assembleia, uma comunicação sobre um qualquer tema, quer da área de investigação quer da de docência, não seria – parece-me –, porque demasiado técnico, o mais indicado; segunda (e principal): comemorando-se, este ano e este mês (por isso estamos aqui reunidos), o bicentenário (1799-1999) da viagem de exploração científica, acompanhado pelo botânico francês Bonpland, de Alexander von Humboldt à América Central e do Sul, e celebrando-se, já no próximo ano, o quinto centenário (1500-2000) da viagem/ chegada dos Portugueses à América do Sul (Pedro Álvares Cabral aporta, a 22 de Abril de 1500, às costas do futuro Brasil), seria, pois, oportuno falar sobre um assunto que, tendo que ver com estas efemérides – legitimando-o mais –, também é de natureza mais geral, e interessará, por conseguinte, a um público mais heterogéneo.*

*Convido-os, agora, a fazerem também, comigo, aquela(s) viagem(ens) (atravessar o Atlântico e regressar ao passado), para tentarmos perceber o futuro (já bem presente) de importância cada vez mais acentuada de uma língua que, há alguns séculos, e muito paulatinamente (como, aliás, todas as línguas), se começou a formar exactamente nesta área geográfica em que nos encontramos.*

Queria ainda dizer que este texto (reescrito para esta publicação) foi enriquecido com as **Notas** (algumas bastante informativas) e com as **Referências bibliográficas**. Estas últimas não reúnem apenas os títulos directa e/ ou indirectamente implicados no corpo do texto, mas também outros cuja finalidade é forne-

cer aos potenciais interessados uma bibliografia um pouco mais alargada e tanto quanto possível actualizada.

<sup>1</sup> Todavia, segundo Neto (<sup>4</sup>1977: 235-236), os caracteres unitário e conservador do português do Brasil devem-se a este conjunto de razões (que passo a transcrever): „1. os colonizadores vinham de todas as partes de Portugal, de modo que refletiam as várias peculiaridades dialetais portuguesas, que, no Brasil, em contato e interação se fundiram num denominador comum, de notável unidade; 2. acompanhando a formação histórica do povoamento, a língua primeiro se estabeleceu no litoral; daí é que se foi estendendo pelo interior; 3. a Língua Portuguesa aqui entrou em contato com aloglotas, uns ameríndios, outros vindos de África; mas se os *substratos variavam*, os falares decorrentes desse convívio *encontravam-se e coincidiam no mesmo plano*: num caso e noutro formavam-se linguagens de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem basicamente na simplificação e deturpação do Português imperfeitamente transmitido e aprendido por gente de civilização inferior; 4. desenvolvimento, em espaços vastíssimos, rodeados de perigos, do *espírito de campanário*, que leva uma comunidade linguística a seguir fielmente as suas tradições; 5. tratando-se de uma língua transplantada, nela se desenvolveram, como em campo de experiência, *uniformemente*, certas tendências preexistentes; 6. o isolamento espacial que, travando a evolução linguística, ao mesmo tempo constituía um elemento de unidade, já que era comum aos primeiros núcleos; 7. é verdade que boa parte do território nacional só foi colonizado no século XVIII; mas, ainda nesses núcleos, a linguagem é arcaizante, pois os colonizadores vinham das províncias (e dos Açores), *que são áreas conservadoras*; 8. outro fator de conservadorismo e unidade dos núcleos é a escassez de população, já que nas comunidades reduzidas são menores os germens de evolução, logo afogados pelo contato intenso entre indivíduos que variam pouco.” Isto mesmo encontra-se duas vezes também em Neto (<sup>4</sup>1986: 545-546 e 631-632): quase *ipsis verbis* e *ipsis verbis*, respectivamente.

<sup>2</sup> *Apud* Neto (<sup>4</sup>1977: 112-113 e <sup>4</sup>1986: 544-545).

<sup>3</sup> *Apud* Neto (<sup>4</sup>1977: 234).

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, Teyssier (<sup>2</sup>1984: 76).

<sup>5</sup> A este nível, destacam-se os seguintes traços: 1. entoação harmoniosa, lenta e suave, por oposição aos caracteres rápido e mais enérgico (notará imediatamente um estrangeiro), resultantes dos picos de intensidade (ou seja, da oposição forte entre sílabas acentuadas e não acentuadas), característicos da variante europeia; 2. sistema vocálico não acentuado (sobretudo pré-acentuado) muitíssimo menos reduzido do que o do português europeu, propriedade esta que faz com que a variante do lado de lá do Atlântico apresente uma cadeia sonora mais vocálica e a do lado de cá, ao invés, mais consonântica; 3. palatalização de [t] e [d] (não verificada na variante europeia) seguidos sobretudo de [i] (acentuado ou não acentuado); 4. não palatalização, ao contrário do português europeu, de [s] e [z] em posição final de sílaba; 5. semivocalização de [l] em final de sílaba; 6. supressão e/ ou realização velar e/ ou uvular de [r] em posição final de sílaba; 7. epêntese de [i] em grupos consonânticos homossilábicos; etc. Sobre estas e outras proprieda-

des de natureza fonético-fonológica da variante brasileira do português cf., entre outros, Elia (1994), Mateus *et alia* (<sup>2</sup>1989: 32-33), Melo (<sup>4</sup>1981: 119-129), Teyssier (<sup>2</sup>1984: 79-84) e Vázquez Cuesta/ Luz (1983: 126-129).

<sup>6</sup> Nesta(s) componente(s) são estas as principais marcas: 1. uso das formas-sujeito pelas formas-objeto directo do pronome pessoal (ex.: Vi *ele* por Vi-o); 2. emprego proclítico (contra apoclitico) dos pronomes pessoais átonos (ou, se se quiser, maior liberdade na colocação dos pronomes obliquos átonos) (ex.: *Me diga...* contra *Diga-me...*); 3. uso muito frequente do possessivo sem artigo (ex.: *Meu* livro por *O meu* livro); 4. preferência pelas perífrases aspectuais de gerúndio (ex.: *Estou escrevendo...* por *Estou a escrever...*); 5. uso impessoal de *ter* (ex.: *Tem* gente aqui por *Há* gente aqui); 6. emprego da preposição *em* com verbos de movimento (ex.: Fui *na* cidade por Fui *à* cidade); 7. perda *e/* ou simplificação, em certos dialectos/ sociolectos/ idiolectos da variante brasileira do português, das marcas das flexões nominal e verbal; 8. uso do diminutivo em categorias tais como o advérbio (*agorinha*, *loguinho*), pronome (*elezinho*) e mesmo formas verbais (*chorandinho*). Sobre esta matéria cf., por exemplo, Elia (1994), Mateus *et alia* (<sup>2</sup>1989: 33), Melo (<sup>4</sup>1981: 39-40 e *passim*), Teyssier (<sup>2</sup>1984: 84-85) e Vázquez Cuesta/ Luz (1983: 129-130).

<sup>7</sup> Para este(s) nível(eis), *vide*, *infra*, notas 10, 11, 12, 13, 14 e 15.

<sup>8</sup> Nesta matéria, o português americano simplificou muitíssimo: *você* (tratamento familiar) e *o senhor/ a senhora* (tratamento deferente) (Mateus *et alia*: <sup>2</sup>1989, 33; Teyssier: <sup>2</sup>1984, 86), essencialmente. Sobre as formas de tratamento da variante europeia do português, cf. Cintra (1986).

<sup>9</sup> Ainda tenho bem presente na memória quer as discussões quer as crónicas, ambas bem inflamadas, produzidas em torno do Acordo Ortográfico de 1986 (*Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa em 1945, renegociadas em 1975 e consolidadas em 1986*) que, tendo sido modificado em 1990 e ratificado em Agosto de 1991, deveria entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1994 mas, até hoje, ainda não aconteceu nada (!).

<sup>10</sup> *Carioca*, *Catete*, *Tijuca*, *Guanabara*, *Pará*, *Pernambuco* são alguns topónimos e *Jucá*, *Iara*, *Jandira*, *Jurema*, alguns antropónimos, tomados de empréstimo ao tupi. Para além disso, esta língua contribuiu para o enriquecimento lexicográfico do português do Brasil em várias outras áreas do conhecimento, a saber: fauna (*tatu*, *capivara*, *piranha*, *sabiá*, *urubu*, etc.), flora (*carnaúba*, *mandioca*, *abacaxi*, *pitanga*, *maracujá*, etc.), crenças/ tradições/ costumes (*arapuca* - 'armadilha para caçar pássaros', *carijó* - 'galo' ou 'galinha', *guri* - 'rapaz', etc.), etc., etc. Mais (e boa) informação sobre todo o tipo de tupinismos pode ser colhida em Dietrich (1999: 160-169 e 1998: 489-499), Elia (1994) e Melo (<sup>4</sup>1981: 145-163) (estudos mais profundos e alargados) e, ainda, em Teyssier (<sup>2</sup>1984: 86-88) e Vázquez Cuesta/ Luz (1983: 123-125) (estudos mais ligeiros).

<sup>11</sup> *Açaçá*, *Xangô*, *candomblé* (do ioruba) e *çaçula*, *moleque*, *senzala*, *samba*, *mocambo* (do quimbundo) são alguns exemplos de africanismos da variante brasileira do português. Para mais exemplos e outros pormenores, cf. bibliografia citada na nota 10.

<sup>12</sup> São exemplos de brasileirismos tomados de empréstimo às línguas *tapuias*, embora não se saiba de qual/ quais (Melo: <sup>4</sup>1981, 152-153), os seguintes: *xique-xique*, *covodá*, *maceió*, *ouricuri*, *jericá*.

Como brasileirismos tomados de línguas americanas faladas fora do território brasileiro, podem apontar-se estes: *tabaco* (do antilhano), *gaúcho* (do mapuche), *canoa*, *tubarão* (do haitiano), *cacau*, *chocolate*, *tomate*, *abacate* (do nauatle) e *pampa*, *lhama*, *alpaca*, *puma* (do quíchua). Sobre esta matéria, cf. bibliografia citada na nota 10.

<sup>13</sup> São exemplos de hispano-americanismos *mirar*, *muchacho*, *encerra*. Para outros exemplos e mais informação sobre este assunto, cf. bibliografia citada na nota 10.

<sup>14</sup> *Virar* (ex.: *Virou bicho*), prosa (ex.: *Dar dois dedos de prosa*), *bóia* (ex.: *Está na hora da bóia*), entre muitíssimos outros, são alguns exemplos de 'brasilismos quanto à significação'; *trem* (comboio), *ônibus* (autocarro), *bonde* (eléctrico), *aeromoça* (hospedeira), *caneta-tinteiro* (caneta de tinta permanente) são, por sua vez, exemplos de 'criações novas', ou seja, reflectem a maneira como num lado e no outro do Atlântico são denominados certos objectos e outras invenções modernos (cf. bibliografia citada na nota 10).

<sup>15</sup> São exemplos de arcaísmos *e/* ou dialectalismos portugueses *reinar* ('traquinar', 'pintar o sete'), *aéreo* ('perplexo', 'sem saber o que fazer'), *salvar* ('saudar', 'cumprimentar'), *físico* ('médico'), etc. Sobre estes e muitos outros exemplos, cf. bibliografia citada na nota 10.

<sup>16</sup> *Vide, supra*, nota 5.

<sup>17</sup> Sobre a aceção de *estilo* aqui tida em consideração, cf. Melo (<sup>4</sup>1981: 131-144).

<sup>18</sup> Cf. Lucchesi (1998: 80).

<sup>19</sup> Cf. Vandresen (1998: 394).

<sup>20</sup> Sobre esta matéria, cf. Barroso (2000).

## 5. Referências bibliográficas

### 5.1. Estudos

Afonso, João (1987): „Brasil: Açorianos no Brasil“, in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. III, col. 1856.

Azevedo, Thales de (1987): „Brasil: Grupos Étnicos“, in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. III, cols. 1854-1856.

Barroso, Henrique (2000): „Da *idiossincrasia* da variante brasileira do português e do seu papel para o estatuto de importância cres-

- cente desta língua“ [comunicação apresentada ao Congresso Internacional **500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil**: Évora, 8-13 de Maio de 2000 (em publicação nas *Actas*)].
- Boléo, Manuel de Paiva (1983): „A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil (Problemas de colonização e povoamento)“, in: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII, pp. 591-625.
- Cintra, Luís F. Lindley (1986): *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Cunha, Celso (1981): *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Cunha, Celso (1986): *Língua Português e Realidade Brasileira*. 9.<sup>a</sup> edição atualizada. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- Dietrich, Wolf (1998): „Amerikanische Sprachen und Romanisch c) Zentrale und südliche Tiefländer, Brasilien“, in: Holtus, Günter/ Metzeltin, Michael/ Schmitt, Christian (eds.): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VII, pp. 478-499 (sobretudo pp. 489-499).
- Dietrich, Wolf (1999): „A importância do tupi na formação do português do Brasil“, in: Gärtner, Eberhard/ Hundt, Christine/ Schönberger, Axel (eds.): *Estudos de história da língua portuguesa*, pp. 153-172.
- Elia, Sílvio (1994): „O português do Brasil“, in: Holtus, Günter/ Metzeltin, Michael/ Schmitt, Christian (eds.): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2, pp. 559-575.
- Elia, Sílvio (s/d): „Língua geral do Brasil“, in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. XII, col. 177.

- Gärtner, Eberhard/ Hundt, Christine/ Schönberger, Axel (eds.) (1999): *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM (Biblioteca Luso-Brasileira, vol. 7).
- Große, Sybille/ Zimmermann, Klaus (eds.) (1998): «*Substandard*» e *mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM [Biblioteca Luso-Brasileira, vol. 6].
- Holtus, Günter/ Metzeltin, Michael/ Schmitt, Christian (eds.) (1994 e 1998): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vols. VI, 2 e VII. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Lucchesi, Dante (1998): „A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador“, in: Große, Sybille/ Zimmermann, Klaus (eds.): «*Substandard*» e *mudança no português do Brasil*, pp. 73-99.
- Mateus, M.<sup>a</sup> Helena Mira *et aliae* (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 19-33.
- Melo, Gladstone Chaves de (1981): *A Língua do Brasil*. 4.<sup>a</sup> edição, melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora, Ltda.
- Melo, Gladstone Chaves de/ Boléo, Manuel Paiva (1987): „Brasil: Línguas: A) Língua port.“, in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. III, cols. 1856-1859.
- Melo, Gladstone Chaves de/ Carvalho, José G. Herculano de (1987): „Brasil: Línguas: B) Línguas indígenas“, in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. III, cols. 1859-1860.
- Neto, Serafim da Silva (1977): *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 4.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Presença.

- Neto, Serafim da Silva (1986): *História da Língua Portuguesa*. 4.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Presença, pp. 513-634.
- Teyssier, Paul (1984): *História da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, pp. 75-92. (Trad. portuguesa por Celso Cunha de *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980).
- Vandresen, Paulino (1998): „Algumas indicações de mudança em curso no português falado na Região Sul“, in: Große, Sybille/ Zimmermann, Klaus (eds.): «*Substandard*» e mudança no português do Brasil, pp. 393-414.
- Vázquez Cuesta, Pilar/ Luz, M.<sup>a</sup> Albertina Mendes da (1983): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, pp. 211-225.

## 5.2. Imprensa

*Expresso* (semanário), Lisboa.